

UMA JUVENTUDE GLOBAL? Identidades híbridas, mundos plurais

*Carles Feixa
Pam Nilan*

Juventude Global e Culturas Híbridas¹

Para introduzir este artigo, começaremos definindo nosso uso dos termos “juventude”, “hibridização”, “mundos plurais” e “globalização”. Por “juventude” nos referimos a uma ampla escala cronológica – jovens de ambos os sexos na faixa etária de 12-35. Essa faixa etária indica o quanto a categoria de idade “juventude” tem se ampliado, incluindo aqueles que são legalmente reconhecidos em algumas sociedades como crianças, e outros que são legalmente reconhecidos em outras sociedades como adultos. Estamos menos preocupados com estatutos oficiais que com práticas sociais e culturais nas trajetórias dos jovens. Nosso interesse recai na construção social da identidade, nos jovens como atores sociais criativos, no consumo cultural e nos movimentos sociais – isto é: no caráter distintivo das culturas juvenis locais num mundo globalizado.

A “hibridização” tem sido definida de muitas formas nas ciências sociais e nos estudos culturais, principalmente na teoria pós-colonial. Nosso uso do termo – a criatividade cultural a partir de muitas fontes, a realização de algo novo a partir de materiais pré-existentes – talvez possa se expressar da seguinte forma:

¹ Este artigo é baseado num livro editado pelos autores, que apresenta dez estudos de caso etnográficos sobre culturas juvenis nos cinco continentes: América (Quebec, México, Colômbia), Oceania (Austrália), Ásia (Japão, Indonésia, Iran), África (Senegal) e Europa (Inglaterra, França e Catalunha) (ver Nilan e Feixa 2006). Inicialmente publicado em Feixa C.; Nilan P. 2009. “¿Una joventut global? Identitats híbrides, móns plurals”. Revista d'Educació Social, Barcelona, Fundació Pere Tarres, 43: 73-87. Tradução de Mónica Franch.

As condições da participação cultural, sejam antagônicas ou complementares, são produzidas de forma performativa. A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como reflexo das características étnicas ou culturais pré-estabelecidas na tábua fixa da tradição. A articulação social da diferença, na perspectiva das minorias, é um todo complexo, em processo de negociação, que tem por objeto autorizar hibridizações culturais que surgem em momentos de transformação histórica (Bhabha, 1994, p. 2).

Outro autor que explorou as possibilidades do conceito de hibridização para analisar o mundo pós-moderno é Néstor García Canclini (1989). Para ele, diferentemente de outros termos do mesmo campo semântico, como mestiçagem (trocas raciais), sincretismo (trocas religiosas) e criolização (trocas linguísticas), a hibridização tem mais a ver com relações de poder que com conteúdos culturais:

Somos conscientes de que, nesta época de disseminação pós-moderna e descentralização democrática, ainda nos deparamos com a maior concentração de formas de acumulação de poder e centralização transnacional da cultura que a humanidade já viu. O estudo da base cultural híbrida desse poder nos permite compreender os caminhos oblíquos, a abundância de transações, pelas que estas forças operam. (Canclini, 1990, p. 25).

Por um lado, a hibridização é um processo de interação entre o local e o global, o hegemônico e o subalterno, o centro e a periferia. Por outro lado, a hibridização é um processo de transações culturais que põe em evidência de que modo as culturas globais são assimiladas localmente, e de que modo as culturas não ocidentais afetam o Ocidente. O conceito de hibridização supõe, virtualmente, no mínimo, um uso “emancipador” da cultura, oposto à globalização das relações de poder (Bannerji, 2000). Além disso, Stuart Hall lembra que a hibridização implica o “reconhecimento de uma necessária heterogeneidade e diversidade, uma concepção da identidade que vive com e através da diferença, não apesar dela” (1993, p. 401-2).

Hibridação frequentemente remete a um cruzamento de fronteiras, um “estar entre”, remete à mobilidade, à incerteza e à multiplicidade. Isso também se aplica ao termo “mundos plurais”: a constituição de subjetividades juvenis a partir de discursos aparentemente opostos. Talvez o mais interessante acerca da percepção, muito difundida na academia, de que a maioria dos jovens habita “mundos plurais” seja que, no fundo, eles habitam um único “mundo”, embora

de grande complexidade. Aquilo que pode parecer contraditório para uma geração de mais idade às vezes não é tão contraditório para a juventude, que tende a utilizar diferentes fontes para suas práticas criativas (Willis, 1990). Por exemplo, a vida dos jovens de classe média urbana islâmica (Nilan, 2006; Shahabi, 2006) pode ser interpretada com um pé em dois campos opostos – o consumismo ocidental e a fervorosa fé islâmica –, mas isso somente pode ser afirmado desde uma posição de observador externo. Com base na noção de “habitus” de Bourdieu, que “teoriza a relação entre a autoconsciência e o impensado” (Lash, 1994, p. 154), a noção de mundos plurais implica aqui o “habitus reflexivo” da modernidade tardia, identificado por Sweetman (2003; ver também Adams, 2003). Os jovens islâmicos de classe média do exemplo anterior negociam com as identidades disponíveis, aparentemente concorrentes, filtrando, sintetizando, escolhendo criteriosamente – dispositivos geradores que codificam habitualmente processos reflexivos. Esse “habitus reflexivo” emergente da juventude foi baseado originariamente em distinções de classe, de maneira que, se há pessoas que “ganham” no jogo da reflexividade, também há “perdedores reflexivos” (Lash 1994: 120). Porém, é possível que a recente ênfase na reflexividade – invenção e reinvenção autoconsciente das identidades juvenis – seja uma função muito mais ampla da cultura global atual, e que todos os jovens participem dela em maior ou menor medida.

Isto nos leva a nossa definição final – “global”. O título deste artigo coloca uma questão: “Uma juventude global?” Por global, obviamente, estamos nos referindo à globalização, um termo tão utilizado que sua definição parece ter se esgotado. Para efeito deste artigo, faremos referência àqueles aspectos da globalização econômica e cultural que emergem da cultura “central”, ameaçando apagar elementos distintivos de identidade e práticas locais em favor de um conjunto homogêneo de práticas de consumo e maneiras de pensar a identidade. Concordamos com muitos teóricos do pós-colonialismo para os quais a “tese da globalização” é apenas mais um discurso colonial, que em pouco se diferencia das velhas teses sobre as culturas “decadentes”, implicitamente incapazes de concorrer com os produtos culturais da civilização européia (Abou-El-Haj, 1991). A conexão entre “hibridização”, “mundos plurais” e “globalização” nos lembra que, na era da informação, as identidades geracionais são cada vez mais deslocalizadas, porém não são homogêneas. Como muito bem sabem os *coolhunters*², a inovação cultural pode emergir com força semelhante tanto do centro como da periferia (Featherstone, 1990; Nilan, 2004). A questão é: isso constitui uma prova da existência do chamado “adolescente global” – o discurso colonialista sobre a globalização cultural – anteriormente identificado?

² Uma tradução aproximada desse termo seria “caçadores de tendências” (Nota da tradutora).

Acreditamos que não. Existe um terreno comum entre os jovens membros de uma geração identificável (Mannheim, 1927), bem como nos traços híbridos distintivos das culturas juvenis. A forma e o conteúdo dos produtos, as tendências e os movimentos juvenis globais são discerníveis em suas preferências culturais coletivas e em suas práticas, porém elas sintetizam amplamente e se desdobram de diversos modos a nível local. Por exemplo, Huq (2006), Shahabi (2006) e Niang (2006) ilustram a tendência global do rap ou do hip-hop, e seu significado local para jovens na Grã Bretanha, França, Iran e Senegal. Como certa vez disse brincando o conhecido rapper Chuck D de Public Enemy – “o rap é a CNN para os jovens de todo o mundo” (1997, p. 256) – porém isso não significa que os jovens de todo o mundo partilhem uma mesma cultura.

Juventude Global e Estudos Transculturais

Aqueles que escrevem sobre os jovens costumam ter em comum um importante fator demográfico. Eles/nós não somos jovens. Não partilhamos, portanto, como colegas da mesma idade, das experiências práticas dos jovens sobre os quais escrevemos, apesar de que podemos chegar a entender os sujeitos juvenis depois de anos de intenso estudo etnográfico, e a partir de nossa própria participação ativa nas culturas juvenis quando éramos jovens. Contudo, inevitavelmente, quando escutamos e tentamos interpretar as vozes dos jovens atuais, filtramos aquilo que nos dizem e nos mostram, em primeiro lugar, através de um objeto de investigação acadêmica e, em segundo lugar, através da lente de nossas próprias experiências históricas juvenis, quaisquer que elas fossem. Reconhecendo que “qualquer pesquisa etnográfica luta por atravessar a representação do mundo e oferecer um conhecimento verdadeiro dos jovens e de suas vidas” (Nayak, 2003, p.3), acreditamos que a representação das culturas híbridas e dos mundos plurais contemporâneos dos jovens continua sendo um desafio. A maior parte da literatura sobre juventude em ciências sociais, com algumas exceções importantes, continua sendo feita a partir da percepção da realidade ocidental, fato que deu no passado uma inflexão etnocêntrica aos estudos sobre a juventude global. Por exemplo, talvez o mais grave equívoco acerca dos jovens de camadas não privilegiadas dos países em desenvolvimento seja assumir que, sem exceção, vivenciam uma entrada precoce no mundo adulto, no que se refere ao trabalho e às atividades sexuais. Isso implica uma situação cheia de importantes omissões sócio-históricas e deficiências teóricas (Reguillo, 2001; Caccia Bava, Feixa e González, 2004). De fato, a vida desses jovens ilumina melhor os fenômenos de modernização acelerada e de hibridização cultural que a vida dos jovens em situações mais privilegiadas.

Neste artigo, evitaremos conscientemente o debate terminológico sobre a dinâmica das subculturas juvenis que seguiu à obra seminal da Escola de Birmingham. O conceito de subcultura tem sido substituído por outros conceitos teoricamente informados como culturas de clube (Thornton, 1995), neotribus (Bennett, 1999), estilos de vida (Miles, 2000), pós-subculturas (Muggleton e Weinzierl, 2003), cenas (Hesmondhalgh, 2005), ciberculturas e assim por diante. Cada novo rótulo ilumina alguma área específica das tendências da juventude global (consumismo, corporalidade, territorialização, performance, transnacionalismo, digitalismo, etc). Trata-se de substituir a noção “heróica” de subculturas resistentes por abordagens menos românticas, originariamente inspiradas em parte pelos conceitos de *habitus* e de distinção de Bourdieu, pelo tribalismo de Maffesoli, pela crítica feminista de McRobbie e pelas teorias da informação de Castells. Essas últimas abordagens refletem melhor a fluidez, a variedade e a hibridação presentes nas culturas juvenis contemporâneas (Amit-Talai e Wulff, 1995). Porém, a maioria dessas novas condições das culturas juvenis se baseia em dados etnográficos e teorizações que ocorrem em apenas algumas capitais ocidentais. A contínua expansão da juventude como conceito (o fim dos grupos de idade delimitados, o fim dos ritos de passagem), juntamente com a desapareição dos jovens como sujeitos (o fim de um modelo linear de “trabalho”, o fim da corporeidade dos jovens – qualquer rico pode ser “jovem”) produzem “culturas (juvenis) fragmentadas, híbridas e transculturais” (Canevacci, 2000, p. 29). Culturas juvenis sem jovens?

Juventude Global e Cultura Global

Apesar de refutarmos qualquer ideia de práticas culturais juvenis globais homogeneizadas, seguidas servilmente a nível local, de um “mundo” juvenil mercantilizado, ocidentalizado, dominado pela língua inglesa, assumimos o fato de que, como geração, a maioria dos jovens de hoje está de algum modo envolvida na “sociedade de rede” (Castells, 1996; 1997). Os jovens que estudamos obtêm sua informação, e frequentemente sua inspiração, a partir de fontes globais. Castells afirma que isso implica uma “disjunção sistemática entre o local e o global para a maioria dos indivíduos e grupos sociais, criando uma espécie de crise nas ‘políticas de identidade’” (1997, p. 11). A insegurança “ontológica” resultante (Giddens, 1991, p. 185) impulsiona os jovens em direção a formas grupais de autoinvenção de estilos de vida e práticas de consumo, usando os materiais culturais e linguísticos disponíveis. Na era dos riscos “manufaturados” (Giddens, 2002, p. 31; Beck, 1992), o novo “empresário de si mesmo” encontra

“o sentido de sua existência modelando sua vida por meio de atos de escolha” (Rose, 1992, p. 142). Nas palavras de Touraine (2003), “o ator social, individual e coletivamente, retorna ao centro do cenário”. Inspirando-se em Giddens (2002), Chisholm (2003, p. 2) afirma que “as pessoas estão experimentando a vida social como sendo mais contingente, frágil e incerta. Igualmente, a construção de subjetividades e identidades está em sintonia com uma maior abertura e hibridação”. O moderno processo de “individualização” significa ter poucas opções, mas também viver uma vida altamente reflexiva que se abre em direção a uma série de possibilidades futuras. Isso requer um compromisso ativo na criação de uma identidade própria, um processo muito diferente da construção da própria identidade a partir de certezas do passado. Na proliferação de opções dos consumidores e nas práticas da cultura popular, mediatizadas pela tecnologia global, “os processos de individualização e pluralização exercem pressões sobre a normalização dos padrões de vida da população e fazem aumentar a gama de identidades e estilos de vida socialmente aceitáveis e desejáveis” (Chisholm, 2003, p. 3). Se um dos efeitos da individualização é minar os habituais mecanismos coletivos para a gestão do risco (Beck, 1992), a constituição de culturas juvenis locais pode ser entendida como uma estratégia consciente de retorno ao coletivismo para uma melhor gestão dos riscos, tanto ontológicos como “manufaturados”. É nesse contexto que jovens do mundo inteiro constroem identidades e trajetórias de vida para si mesmos, embora, como lembra Marx, “não fazem o que querem, não o fazem em virtude de circunstâncias autoescolhidas, mas em circunstâncias já existentes, dadas e transmitidas do passado” (1978, p. 595).

Martin e Schumann (1997) argumentam que caminhamos em direção a uma sociedade ‘20:80’, onde apenas 20 por cento da população do mundo serão necessários para continuar a produção, deixando os outros 80 por cento na periferia – pobres e desempregados (ver também Stiglitz, 2002, p.248). As mudanças econômicas derivadas da globalização econômica modificaram radicalmente a trajetória de vida dos jovens no que tange a suas condições de trabalho (Sennett 1999, p. 17). Não importa o lugar do mundo em que se encontrem, a vida dos jovens se assemelha cada vez menos a um modelo linear de transição. Skelton menciona alguns traços da transição tradicional à idade adulta: terminar a educação e ingressar no mercado de trabalho, sair de casa para criar um novo lar, casar ou ir morar com o parceiro, e ter filhos (2002, p. 101). Porém, “vivemos uma juventude cada vez mais dilatada, dissociando a transição entre educação e trabalho, namoro e casamento, infância e idade adulta” (Cote, 2003, p. 2).

Juventude Global e Cultura de Consumo

A participação em culturas juvenis já não pode ser caracterizada como um breve período de atividade em “bandos” ou “grupos de pares”, limitado a adolescentes e jovens de 20 anos. A extensão das práticas da cultura juvenil na modernidade tardia se expande em duas direções cronológicas, para abaixo, em direção aos últimos anos da infância, e para cima, chegando até a metade, ou mesmo até o final, da casa dos 30. Isso significa que a participação nas práticas da cultura juvenil – em geral – pode durar mais de vinte anos, continuando até a média idade, desde que seja considerada a troca de subculturas descrita por Muñoz e Marin (2006). Além disso, a participação de longo prazo em culturas juvenis e movimentos sociais juvenis não é apenas uma característica da vida urbana ocidental e de classe média e urbana. As megalópoles constituem um traço característico da era da globalização e atualmente a maioria das pessoas no mundo vive numa delas. Em qualquer país, a maior parte de movimentos populacionais na direção rural-urbano é composta por jovens em busca de educação e trabalho. Portanto, é nas cidades maiores e multiétnicas do planeta onde hoje a imensa maioria dos jovens vive e representa sua identidade, tanto individual como coletivamente. As representações de culturas juvenis espetaculares, como as dos carecas descritos por Petrova (2006), ou dos punks mexicanos descritos por Feixa (2006), ocorrem com frequência no espaço público urbano, provocando sentimentos de medo e rejeição (pânico moral) na população geral. Os bairros marginais dentro das cidades e os conjuntos habitacionais para famílias de baixa renda, situados na periferia urbana, são vistos frequentemente como espaços perigosos, onde os jovens procuram refúgio em bandos e agrupações identitárias centradas no estilo de vida. A megalópole do novo milênio proporciona, assim, novos espaços para o “choque de culturas” (Featherstone e Lash, 1999, p. 1).

Os jovens são ávidos consumidores de produtos e serviços da indústria cultural global. Isto é uma parte tão importante da prática cultural dos jovens do mundo todo que a juventude se transforma num mercado “potencialmente duas vezes o tamanho da China” (Erasmus, 2003, p. 1). Através dos “novos” meios de comunicação, os jovens (independentemente de sua idade) são fundamentais para o mercado mundial de lazer, não constituindo apenas um objetivo da comercialização da indústria cultural, mas também a fonte de sua inspiração: *coolhunters* são enviados às ruas e aos lugares públicos onde os jovens se reúnem para encontrar “looks” e “sons” novos, tendências de vanguarda que as indústrias culturais globais podem depois comercializar (Hebdige 1988), processo que Ritzer (1993) descreve como McDonaldização. Os autores que trabalham com jovens marginalizados interpretam suas culturas orientadas musicalmente para o hip-

hop e o punk em articulação com produtos culturais “globais”. Entretanto, este fato não “prova” a tese anteriormente descrita de uma globalização totalizadora. É possível que os jovens dos países em desenvolvimento “pareçam” e “soem” “ocidentais”, embora na realidade não o sejam nem remotamente (Niang, 2006). As culturas juvenis são sempre enfaticamente locais, apesar de seus artefatos terem uma origem global, já que os jovens se inserem no imediato, encarnando-se em relações econômicas e políticas localizadas. Seu engajamento reflexivo – escolha ou rejeição, síntese ou transformação – com produtos e práticas culturais da juventude global – música, subculturas, moda, gíria – é determinado pelo seu “habitus”: renda, religião, língua, classe, gênero e etnicidade, de modo a quase sempre produzir algo novo. Esses processos criativos trabalham com todos os recursos disponíveis – tanto a nível local como global. É o que Butcher e Thomas (2006), referindo-se aos “engenhosos” jovens migrantes australianos de segunda geração, chamam de “comerciantes de estilo”.

Juventude Global e Resistência

A visão clássica da cultura juvenil como resistência, defendida pelo Centro de Estudos de Cultura Contemporânea de Birmingham, tendo por base a teoria da hegemonia de Gramsci, propõe que os grupos dominantes na sociedade, aqueles que possuem as formas de capital cultural mais valorizadas, têm a capacidade de criar e definir a cultura hegemônica, o que lhes permite apoiar e melhorar sua posição social de poder (Hall e Jefferson 1976). Como forma implícita de resistência a esta hegemonia, a cultura “comum” (Willis 1990) emerge da vida dos grupos e das classes subordinadas, “em lugares culturais onde a cultura hegemônica é incapaz de penetrar totalmente” (Epstein 1998: 9). Essa posição foi criticada no âmbito dos estudos sobre juventude e além destes, principalmente o conceito de subcultura como resistência. Contudo, as (sub)culturas, como foram recentemente definidas por Muggleton (2000), oferecem aos jovens um lugar para a construção de uma identidade alternativa às posições adultocêntricas oferecidas pela escola, o trabalho e o status/classe. O significado e os valores internos dessas (sub)culturas se articulam com uma variedade de discursos – a socialização, a música, a moda (ou a ausência dela), subculturas juvenis anteriores e a militância política.

Uma vez que “a vida dos jovens reflete ativamente sua relação com as estruturas de poder dominantes” (Miles, 2000, p. 6), o grau de ressentimento e oposição em relação às mesmas se reflete na cultura expressiva dos grupos e tendências juvenis. Muitas agrupações de cultura juvenil encaixam muito bem nesta descrição, como é o caso dos carecas extremistas brancos dos subúrbios

de Paris (Petrova, 2006) e dos orgulhosos jovens canadenses estudados por Dallaire (2006), que insistem no bilinguismo. Em outras palavras, para a maioria dos jovens, as práticas culturais de grupo lidam ao mesmo tempo com impulsos de resistência e desafio e com impulsos de conformidade e legitimidade. Nos termos de Maffesoli (1996), frequentemente há um vínculo “submerso” entre as práticas subculturais e os movimentos sociais e políticos subversivos mais amplos, trata-se porém de um vínculo de afinidade, mais do que de um impulso consciente em direção a expressões formais de resistência política. Portanto, nos estudos de vida juvenis, o que encontramos mais frequentemente são repertórios simbólicos de identidade (Melucci, 1989) que ecoam movimentos políticos específicos, como ocorre com a violência antimigrantes de alguns skinheads franceses.

Podemos tomar como exemplo atual dos movimentos globais, descentralizados e digitais, as redes antiglobalização que emergiram após a queda do muro de Berlim. Enquanto um movimento com grande poder de atração sobre os jovens, essas redes significam uma reação contra corporações multinacionais como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, contra o crescimento insustentável e contra as franquias como o McDonalds. Entretanto, esse tipo de novos movimentos sociais juvenis de massas prefigura também uma constelação de novos atores sociais – que se constituem a partir da emergência de subjetividades altamente nômades. Podemos encontrar interessantes etnografias acerca desses novos “movimentos web”, que enfatizam a mobilidade desses jovens “nômades” que se deslocam – virtual e fisicamente – através das fronteiras e dos continentes em seu apoio aos movimentos de resistência global: os hacktivistas (Juris, 2005). Isso mostra que não é possível pensar num mundo dividido entre a hegemonia global e diversas resistências locais. A maioria dos movimentos sociais contemporâneos, especialmente os juvenis, estão tão globalizados como as instituições às quais se opõem.

Juventude Global e Transnacionalismo

Um dos exemplos mais conhecidos de culturas juvenis híbridas é o surgimento de novos movimentos transnacionais de pessoas e de símbolos (Appadurai, 2001). Os jovens cosmopolitas foram frequentemente profetas de conexões transnacionais (Hannerz, 1996). Os primeiros atores dessa juventude transnacional são os jovens migrantes que se movimentam entre vários continentes. Em sua diáspora, os libaneses na Austrália, os argelinos na França, os paquistaneses na Inglaterra, por exemplo, acham mais fácil manter suas raízes culturais na era digital através de sofisticados telefones celulares, sites na Internet, e redes de televisão via satélite. E assim como os jovens se movimentam, também o fazem

suas redes e universos simbólicos. Podemos tomar o exemplo de como alguns bandos³ juvenis locais – os bandos latinos – se transformaram em bandos mundiais. Sua identidade cultural emerge numa zona fronteiriça, onde, além da cultura hegemônica de acolhida e da cultura tradicional dos pais, misturam-se outras tradições subculturais (Matza, 1973). Nesse tipo de evolução, podemos esboçar quatro matrizes.

A primeira matriz tem início com a tradição norteamericana, representada pelo modelo teórico original da *gange*. As galeras juvenis vincularam-se estreitamente ao processo de urbanização nos Estados Unidos, e ao processo de “recuperação mágica” da identidade étnica das segundas e terceiras gerações dos jovens cujos pais ou avôs eram imigrantes. Isto se traduziu no modelo territorial da “*gange*”, bem organizado e formado basicamente por homens – o clássico objeto da etnografia urbana (Thrasher, 1926; Whyte, 1943). Porém, na última década, ocorreu uma evolução em direção a bandos mais complexos e menos territoriais (Hagedorn, 2001; Vigil, 2002). A segunda matriz da evolução mundial dos bandos é exemplificada pela tradição latino-americana: galeras e nações. Uma galera é um grupo social de rua organizado por bairros com limites geográficos precisos. As nações representam um maior nível de organização que as galeras. As nações evoluíram para a criação de impérios, um nível ainda mais elevado de organização, que não apenas consegue uma ampla mobilização da juventude, mas que pode conectar-se com a delinquência transnacional organizada ou com os movimentos sociais em massa contrários à globalização corporativa (Reguillo, 2001).

A terceira matriz do transnacionalismo é representada pelos estilos de vida subculturais globalizados: quando os jovens migrantes chegam a Europa, por exemplo, partilham tanto seus bandos locais como as tribos globais. Entretanto, nas conexões e desconexões entre os jovens migrantes de origens diferentes, até agora temos unicamente notícias de interações em conflito, e não de trocas criativas (Queirolo e Torre, 2005). Na quarta e última matriz temos a tradição virtual representada pelos modelos de identidade juvenil que circulam pela Internet. Por exemplo, os jovens imigrantes latinoamericanos na Espanha podem ter acesso à Internet nos cibercafés, locais que dividem com os migrantes adultos e com os jovens autóctones. Ali, podem aceder a webpages sobre bandos, desenvolver blogs sobre suas complexas vidas e participar de fóruns. A Internet “globalizou” os bandos. Esses novos “bandos mundiais” não são estritamente

³ Existe normalmente muita ambiguidade na tradução de termos como “banda”, “gang” e “pandilla”. Nesta tradução, optamos por traduzir “banda” por “bando” e “pandilla” por “galera”. O uso da palavra “gange” será feito apenas nos casos em que os autores usam o termo “gang” no original inglês, ou quando nos referimos especificamente à tradição americana de estudos sobre esse fenômeno (Nota da Tradutora).

territoriais, nem têm uma estrutura compacta. São grupos de nômades que misturam elementos culturais de seus respectivos países de origem, de seus países de acolhida e de muitos outros estilos transnacionais que circulam pela Internet (Feixa e Muñoz, 2004).

Juventude Global e Digitalismo

As comunidades virtuais não apenas oferecem a infraestrutura social para as redes juvenis globais, como é o caso do movimento antiglobalização e o dos carecas nazistas. A Internet gerou várias tendências juvenis, indo dos hackers – piratas informáticos – aos cyberkids (Himanen, 2002; Holloway e Valentine, 2003). Holden, em sua pesquisa sobre os adolescentes japoneses (2006), ilustra de que maneira as novas tecnologias como a Internet com conexão de telefones celulares podem ser, ao mesmo tempo, um instrumento de isolamento e um ícone de comunicação. Alguns adolechnics podem ser patológicos e solitários, mas eles também são “inventores de mundos” – que serão posteriormente adotados por jovens e adultos em todo o mundo. Uma importante diferença trazida por essa mudança tecnológica é que, pela primeira vez, os jovens não estão, por definição, numa situação subalterna. Como Castells (1996) aponta, a cibercultura foi uma criação de jovens hippies, cyberpunks e de outros sujeitos ativos na difusão da sociedade de rede. E isto ocorreu não apenas em São Francisco e Tóquio mas também em Dakar e Quito – não apenas nas redes domésticas high-tech, mas também em cibercafés de baixa tecnologia e com telefones celulares alugados. Hoje, estar na rede ou fora da rede é mais uma questão de hibridação cultural do que de recursos tecnológicos ou econômicos.

Outro exemplo foi a chamada “revolução do celular” que se produziu na Espanha após o ataque terrorista do 11-M de 2004 (Feixa e Porzio, 2005). A maioria dos responsáveis pelo ataque era composta por jovens do sexo masculino, alguns deles com títulos universitários, membros de uma célula de fanáticos terroristas islâmicos – a maioria suicidou-se alguns dias depois dos atentados, quando foram descobertos pela polícia. As notas biográficas publicadas nos jornais nos dias posteriores revelaram as origens sociais e ideológicas de suas vítimas. Mais de 40% das quase 200 vítimas tinham menos de 30 anos de idade. 30% eram imigrantes vindos de quase 20 países em quatro continentes. Muitos deles eram estudantes de ensino médio ou de universidade (quase 10% dos mortos). Outros eram filhos de trabalhadores ou imigrantes com trabalhos precários (mecânicos, porteiros, babás, etc.). Ironicamente, muitos deles tinham participado das manifestações contrárias à guerra no Iraque – que reuniram um milhão de pessoas um ano antes do ataque. Pessoas de todas as idades participaram

nas manifestações, mas os jovens foram os mais ativos. Apesar das provas da responsabilidade de Al Qaeda, o governo espanhol continuava, inicialmente, responsabilizando o ETA (o grupo terrorista basco). Nos distúrbios massivos em todas as cidades espanholas que ocorreram imediatamente após o atentado, alguns jovens lançaram a seguinte pergunta: “Quem fez isso?” Mensagens na língua SMS utilizada pelos adolescentes difundiram-se rapidamente. À tarde, centenas de pessoas começaram a se reunir num protesto pacífico. A maioria sabia a verdade, porque tinha assistido à televisão a cabo. Indymedia e os blogs também desempenharam um papel importante. As companhias de telefone celular registraram um aumento repentino no número de mensagens SMS e nas conexões à Internet durante o final de semana. O 14 de março – dia de eleições gerais – a taxa de participação dos eleitores aumentou dez pontos percentuais, e a maioria deles eram novos eleitores jovens. O partido conservador foi derrotado pela oposição socialista. Num documentário na televisão, Manuel Castells disse que essa foi a primeira “revolta digital” da história (embora já existisse um precedente nas Filipinas durante a mobilização contra o ex-presidente). Entretanto, outros jovens, os próprios terroristas, também utilizaram as mesmas redes digitais para manterem contato e preparar os ataques. As bombas foram ativadas por telefones celulares. Para o bem e para o mal, todos fazem parte da geração rede (Tapscott, 1998).

Considerações Finais

Em 2007, Ulrich e Elizabeth Beck publicaram um breve ensaio propondo a noção de “geração global” como antídoto contra o ‘nacionalismo metodológico’. Para os autores, a noção clássica de geração, fechada em termos nacionais, havia se tornado obsoleta, sendo necessário substituí-la por uma nova visão baseada num “cosmopolitismo metodológico” (numa visão universal dos fatores que afetam as gerações) “centrada na simultaneidade e interrelação de condicionamentos, influências e desenvolvimentos nacionais e internacionais, locais e globais” (p.11-11). Uma vez que a globalização não implica equiparação, propõem substituir o conceito clássico de geração pelo de “constelações geracionais transnacionais”, pois “o âmbito de experiência da geração global é certamente globalizado, mas ao mesmo tempo é marcado por profundos contrastes e linhas divisórias” (p.14-15). À diferença da geração de 68, a geração atual é definida por fatores cosmopolitas. Demonstram isso a partir de três “constelações geracionais”, que definem com três adjetivos: a geração migração (marcada por processos migratórios transnacionais), a geração estagiária (marcada pela precarização do trabalho) e a geração patchwork (marcada pelos processos

de hibridação cultural). Nesses três âmbitos (demográfico, econômico e cultural) a geração jovem (ou alguns de seus segmentos) atua como termômetro das tendências emergentes. O presente artigo tentou demonstrar que a “juventude global” deve ser entendida como um coletivo híbrido – tanto a nível local como mundial – que constrói sua subjetividade a partir dos materiais híbridos providos por culturas, consumos, resistências, transnacionalismos e digitalismos globais ou globalizados.

REFERÊNCIAS

- ABOU-EL-HAJ, B. (1991) ‘Languages and models for cultural exchange’, in J. Eade (ed.) *Living the Global City: globalization as a local process*, London and New York: Routledge.
- ADAMS, M. (2003) ‘The reflexive self and culture: a critique’, *British Journal of Sociology*, 54(2): 221-38.
- AMIN, S. (1990) *Eurocentrism*, New York: Monthly Review Press.
- AMIT-TALAI, V.; WULFF, H. (eds) (1995) *Youth Cultures: a cross-cultural perspective*, London: Routledge.
- APPADURAI, A. (ed.) (2001) *Globalization, Durham and London*: Duke University Press.
- BANNERJI, H. (2000) *The Dark Side of the Nation: essays on multiculturalism, nationalism and gender*, Toronto: Canadian Scholars Press Inc.
- BECK, U. (1992) *Risk Society: towards a new modernity*, London: Sage.
- BECK, U.; BECK-GERNSHEIM, E. 2008. *Generación global* (Global generation). Barcelona, Paidós.
- BENNETT, A. (1999) ‘Subcultures or neo-tribes? Rethinking the relationship between youth, style and musical taste’, *Sociology*, 33(3): 599-617.
- BHABHA, H. (1994) *The Location of Culture*, London and New York: Routledge.
- BROTHERTON, D.; BARRIOS, L. (2004) *The Almighty Latin King and Queen Nation*, New York: Columbia University Press.
- BUTCHER, M.; THOMAS, M. (2006) ‘Ingenious; emerging hybrid youth cultures in western Sydney’, in P. Nilan and C. Feixa (eds) *Global Youth? Hybrid Identities*, Plural Worlds, London & New York: Routledge.
- CACCIA-BAVA, A.; FEIXA, C.; GONZÁLEZ, Y. (eds) (2004) *Jovens na América Latina*, São Paulo: Escrituras.
- CANEVACCI, M. (2000) *Culture eXtreme: mutazione giovanili tra i corpi delle metropoli*, Roma: Meltemi.
- CASTELLS, M. (1996) *The Rise of the Network Society*, The Information Age: economy, society and culture, vol. 1, Oxford: Blackwell.
- CASTELLS, M. (1997) *The Power of Identity*, The Information Age: economy, society and culture, vol. 2, Oxford: Blackwell.

- CHISHOLM, L. (2003) 'Youth in knowledge societies: challenges for research and policy', Proceedings of Making Braking Borders (NYRIS) 7th Nordic Youth Research Symposium 2000, 7-10 June Helsinki, Finland. Online. Available HTTP: <www.alli.fi/nyri/nyris/nyris7/papers/chisholm.html> (accessed 10 April 2005).
- CHUCK D. (1997) *Rap, Race and Reality: fight the power*, New York: BantamDoubleday Books.
- CONNELL, R. (2007) *Southern Theory*, Sydney: Allen & Unwin.
- CÔTÉ, J. E. (2003) 'Late modernity, individualization, and identity capital: some longitudinal findings with a middle-class sample', Proceedings of Making Braking Borders (NYRIS) 7th Nordic Youth Research Symposium 2000, 7-10 June Helsinki, Finland. Online. Available HTTP: <www.alli.fi/nyri/nyris/nyris7/papers/cote.html> (accessed 10 April 2005).
- DALLAIRE, C. (2006) "'I am English too': Francophone youth identities in Canada", in P. Nilan and C. Feixa (eds) *Global Youth? Hybrid Identities, Plural Worlds*, London & New York: Routledge.
- EPSTEIN, J. (1998) 'Introduction: generation X, youth culture and identity, in J. Epstein (ed.) *Youth Culture: identity in a postmodern world*, Malden and Oxford: Blackwell.
- ERASMUS, D. (2003) 'Global teenager', Development Technology Network. Online. Available HTTP: <www.dtn.net/content/yesterday/5globalteen.html> (accessed 3 April 2003).
- FEATHERSTONE, M. (ed) (1990) *Global Culture*, London: Sage.
- FEATHERSTONE, M.; LASH, S. (1999) 'Introduction', in M. Featherstone and S. Lash (eds), *Spaces of Culture: city, nation, world*, London: Sage.
- FEIXA, C. (2002) 'La construcción social de la infancia y la juventud en América Latina', Reijal (Red de Estudios sobre Infancia y Juventud de America Latina), Universidade Estadual de Sao Paulo (Brasil). Online. Available HTTP: www.marilia.unesp.br/seminario/reijal.html (accessed 11 April 2005).
- FEIXA, C. (2006) "'Tribus Urbanas and Chavos Banda: being a punk in Catalonia and Mexico", in P. Nilan and C. Feixa (eds) *Global Youth? Hybrid Identities, Plural Worlds*, London & New York: Routledge.
- FEIXA, C.; MUÑOZ, G. (2004) '¿Reyes Latinos? Pistas para Superar los Estereotipos', El País, 12/12/04. Online. Available HTTP: <www.elpais.es> (accessed 15 July 2005).
- FEIXA, C. and PORZIO, L. (2005) 'Golfos, pijos, fiesteros: studies on youth cultures in Spain 1960-2004', *Young* 13(1): 89-113.
- GARCÍA CANCLINI, N. (1989) *Culturas Híbridas*, México: Grijalbo; Nestor García Canclini (1995) *Hybrid Cultures*, Minneapolis: University of Minnesota Press.
- GIDDENS, A. (1991) *Modernity and Self-Identity: self and society in the late modern age*, Cambridge: Polity Press.
- GIDDENS, A. (2002) *Runaway World: how globalisation is reshaping our lives*, (revised edition), London: Routledge.
- HAGEDORN, J.M. (2001) 'Globalization, gangs and collaborative research', in M.W. Klein, H.-J. Kerner, C.L. Maxson and E. Weitekamp (eds) *The Eurogang Paradox: street gangs and youth groups in the U.S. and Europe*, London: Kluwer.
- HALL, S. (1993) 'Cultural identity and diaspora', in P. Williams and L. Chrisman (eds) *Colonial Discourse and Postcolonial Theory: a reader*, London: Harvester Wheatsheaf

- HALL, S.; JEFFERSON, T. (eds) (1976) *Resistance Through Rituals: youth subcultures in post-war Britain*, London: Harper Collins Academic.
- HANNERZ, U. (1996) *Transnational Connections*, London: Routledge.
- HEBDIGE, D. (1988) *Hiding in the Light*, London: Routledge - Comedia Series.
- HELVE, H. (1999) 'Multiculturalism and values of young people', DISKUS 5. Online. Available HTTP: <www.uni-marburg.de/religionswissenschaft/journal/diskus (accessed 7 July 2005).
- HESMONDHALGH, D. (2005) 'Subcultures, scenes or tribes?', *Journal of Youth Studies* 8(1): 21-40.
- HIMANEN, P. (2002) *The Hacker Ethic and the Spirit of the Information Age*, Berkeley: University of California Pres.
- HOLDEN, T. 2006. 'The Social Life of Japan's Adolechnic', in P. Nilan and C. Feixa (eds) *Global Youth? Hybrid Identities, Plural Worlds*, London & New York: Routledge.
- HOLLOWAY, S.L. and Valentine, G. (2003) *Cyberkids: children in the information age*, London: Routledge.
- HUQ, R. 2006. European "Youth Cultures in a Post Colonial world: British Asian underground and French Hip-Hop music scenes", in P. Nilan and C. Feixa (eds) *Global Youth? Hybrid Identities, Plural Worlds*, London & New York: Routledge.
- in P. Nilan and C. Feixa (eds) *Global Youth? Hybrid Identities, Plural Worlds*, Routledge.
- JURIS, J. (2005) 'Youth and the World Social Forum', Youth Activism, Social Science Research Centre. Online. Available HTTP: <www.ya.ssrc.org> (accessed 15 July 2005).
- KONTOS, L. (2003) 'Between criminal and political deviance: a sociological analysis of the New York chapter of the Almighty Latin King and Queen Nation', in D. Muggleton and R. Weinzierl (eds) *The Post-Subcultures Reader*, London: Berg.
- LASH, S. (1994) 'Reflexivity and its doubles: structure, aesthetics, community', in U. Beck, A. Giddens and S. Lash (eds) *Reflexive Modernization: politics, tradition and aesthetics in the modern social order*, Cambridge: Polity Press.
- MAFFESOLI, M. (1996) *The Time of the Tribes: the decline of individualism in mass society*, London: Sage.
- MANNHEIM, K. (1927) 'Das Problem der Generationen', *Kölner Vierteljahrshefte für Soziologie*, 2-3(7).
- MARTIN, H-P.; SCHUMANN, H. (1997) *The Global Trap: globalization and the assault on democracy and prosperity*, London: Pluto Press.
- MARX, K. (1978) [1852] 'The eighteenth brumaire of Louis Bonaparte', in R.C. Tucker (ed.) *The Marx-Engels Reader*, 2nd edn, New York and London: W.W. Norton.
- MATZA, D. (1973) 'Subterranean traditions of youth', in H. Silverstein (ed.) *The Sociology of Youth: evolution and revolution*, New York: McMillan.
- MELUCCI, A. (1989) *Nomads of the Present*, Philadelphia: Temple University Press.
- MILES, S. (2000) *Youth Lifestyles in a Changing World*, Buckingham and Philadelphia: Open University Press.
- MUGGLETON, D. (2000) *Inside Subculture: the postmodern meaning of style*, Oxford: Berg.
- MUGGLETON, D. and Weinzierl, R. (eds) (2003) *The Post-Subcultures Reader*, London: Berg.

- MUÑOZ, G.; MARÍN M. 2006. "Music is the Connection: youth cultures in Colombia", in P. Nilan and C. Feixa (eds) *Global Youth? Hybrid Identities, Plural Worlds*, Routledge.
- NAYAK, A. (2003) *Race, Place and Globalization: youth cultures in a changing world*, Oxford and New York: Berg.
- NIANG, A. 2006 "Bboys: Hip-Hop culture in Dakar, Senegal", in P. Nilan and C. Feixa (eds) *Global Youth? Hybrid Identities, Plural Worlds*, London & New York: Routledge.
- NILAN, P. (2004) 'Culturas juveniles globales', *Revista de Estudios de Juventud*, Madrid, 64: 38-48.
- NILAN, P. (2006) 'The reflexive youth culture of devout young Muslims in Indonesia', in P. Nilan and C. Feixa (eds) *Global Youth? Hybrid Identities, Plural Worlds*, London & New York: Routledge.
- PETROVA, Y. (2006) 'Global? Local? Multi-level identifications among contemporary skinheads in France', in P. Nilan and C. Feixa (eds) *Global Youth? Hybrid Identities, Plural Worlds*, London & New York: Routledge.
- QUEIROLO, L.; Torre, A. (eds) (2005) *Il Fantasma delle Bande: Giovani dall'America Latina a Genova*, Genova: Fratelli Frilli Editore.
- REGUILLO, R. (2001) *Emergencia de Culturas Juveniles*, Buenos Aires: Norma.
- RITZER, G. (1993) *The McDonaldisation of Society*, Thousand Oaks: Pine Forge Press.
- ROSE, N. (1992) 'Governing the enterprising self', in P. Heelas and P. Morris (eds) *The Values of Enterprise Culture*, London: Routledge.
- SENNETT, R. (1999) 'Growth and failure: the new political economy and its culture', in M. Featherstone and S. Lash (eds) *Spaces of Culture: city, nation, world*, London: Sage.
- SHAHABI, M. (2006) 'Youth subcultures in post-Revolution Iran: an alternative reading', in P. Nilan and C. Feixa (eds) *Global Youth? Hybrid Identities, Plural Worlds*, London & New York: Routledge.
- SKELTON, T. (2002) 'Research on youth transitions: some critical interventions', in M. Cieslik and G. Pollock (eds) *Young People in Risk Society: the restructuring of youth identities and transitions in late modernity*, Aldershot: Ashgate.
- STIGLITZ, J. (2002) *Globalization and its Discontents*, London: Allen Lane/Penguin Press.
- SWEETMAN, P. (2003) 'Twenty-first century dis-ease? Habitual reflexivity or the reflexive habitus', *The Sociological Review*, 51(4): 528-49.
- TAPSCOTT, D. (1998) *Growing Up Digital: the rise of the net generation*, New York, McGraw-Hill.
- THORNTON, S. (1995) *Club Cultures*, Cambridge: Wesleyan University Press.
- THRASHER, F. M. (1926) *The Gang: a study of 1313 gangs in Chicago*, Chicago: University of Chicago Press.
- TOURAINÉ, A. (2003) 'Equality and/or difference: real problems, false dilemmas', *Canadian Journal of Sociology*, 28(4): 543-50.
- VALENTINE, G. (2003) Boundary crossings: transitions from childhood to adulthood. *Children's Geographies*, 1, 37—52.
- VIGIL, J.D. (2002) *A Rainbow of Gangs: street cultures in the mega-city*, Austin: University of Texas Press.
- WHYTE, W. (1943) *Street Corner Society*, Chicago: University of Chicago Press.
- WILLIS, P. (1990) *Common Culture*, Boulder: Westview.